

PREPRA

Ano Year 13

PRÊMIO PRIZE 2022

Among all things sacred, among all things that move and breathe, the forest is the greatest good which cannot defend itself, nor speak, nor walk. But within it, there are people who, led by their spirituality, by their ancestrality, collective these voices and spread the urgency screamed by the forest. This is how I see UÝRA Sodoma, an insurgent voice in the Amazon. When I think about the Amazon, I'm not talking about that traditional satellite image, the green forest, and interwoven rivers. I'm also talking about the concrete, the crossroads between the bright green and the wooden bridge on wet alleys.

I must confess that structuring this text made me uneasy, for pointing out analytical matters about UÝRA's work, or about what I feel when I resist with her, is beyond the participant observation. I see countless similarities between my and Emerson UÝRA's existence, as I prefer to call her; and they are rooted in the recognition of the streets, of this Amazon's outskirts that few people are used to seeing, without forgetting the greatness of its waters, the silence of the eldest, the hope of the children.

Understanding our territoriality from the perspective of art production is the core of resistance, and is a very dear matter to us who have always dwelt in scarcity. Every Black and Native being, recognizing themselves as keepers of ancestral technology, which sustains our lives, which does not let the sky fall, as Kopenawa darkened to us, is a living agent in this fabric which is daily existence.

Manaus is a watery city, with a population of over 2 million people, whose vast majority descends from Native peoples which are rarely recovered, due to lack of knowledge of their own history or to shame. Around here there is a great number of alleys, lanes, melanin, good food, warm sun, but there is also quite a lot of colonial perversity. Silencing is one of them, which erases not only the people and their cultures but also numbs the reality about their recent past.

This centuries-old discontinuity is directly opposite to the production of artists like UÝRA, who, crossed by the need of standing their ground and resisting, come to show us that a close look at reality is the seed of healing, planted today with the purpose of springing up tomorrow. Under this perspective and beyond the performance, the spread and strengthening of Native and Riverside youth's esteem through Art-Education work show that she is both the walking tree and a wise elder who, at the riverbank, starts narrating the origin of the world, of the dreams, of the fire.

"The outskirts of the Amazon are like Native villages". I have already heard this sentence spoken by Emerson, and when I hear it I hear her voice, I feel her eyes and a legion's strength that comes through UÝRA. I recognize a reincorporation of entities, animals, and plants, materialized as existence, not as representation. This



De tudo o que é sagrado, de tudo o que se move e respira, a floresta é o bem maior que não pode se defender, nem falar, nem andar. Mas nela existem pessoas que, conduzidas por sua espiritualidade, por sua ancestralidade, coletam essas vozes e propagam a urgência que a floresta grita.. É assim que vejo UÝRA Sodoma, uma voz insurgente na Amazônia. Quando penso Amazônia não estou citando aquela tradicional imagem do satélite, da floresta verde e dos rios entrelaçados, estou falando também do concreto, da encruzilhada entre o verde vivo e a ponte de madeira nos becos molhados.

Devo confessar que estruturar esse texto me trouxe inquietude, pois pontuar questões analíticas sobre o trabalho de UÝRA, ou sobre o que sinto quando resisto com ela, está para além da observação participante. Percebo inúmeras similaridades entre minha existência e a de Emerson UÝRA, como prefiro chamar; e elas são enraizadas no reconhecimento da rua, da periferia dessa Amazônia que pouca gente tá acostumada a ver, sem esquecer da grandiosidade das águas, do silêncio dos mais velhos, da esperança das crianças.

Série "Mil Quase Mortos, Ensaio Caos 2", 2018, foto de Matheus Belém // Series "Mil Quase Mortos, Ensaio Caos 2", 2018, photo by Matheus Belém

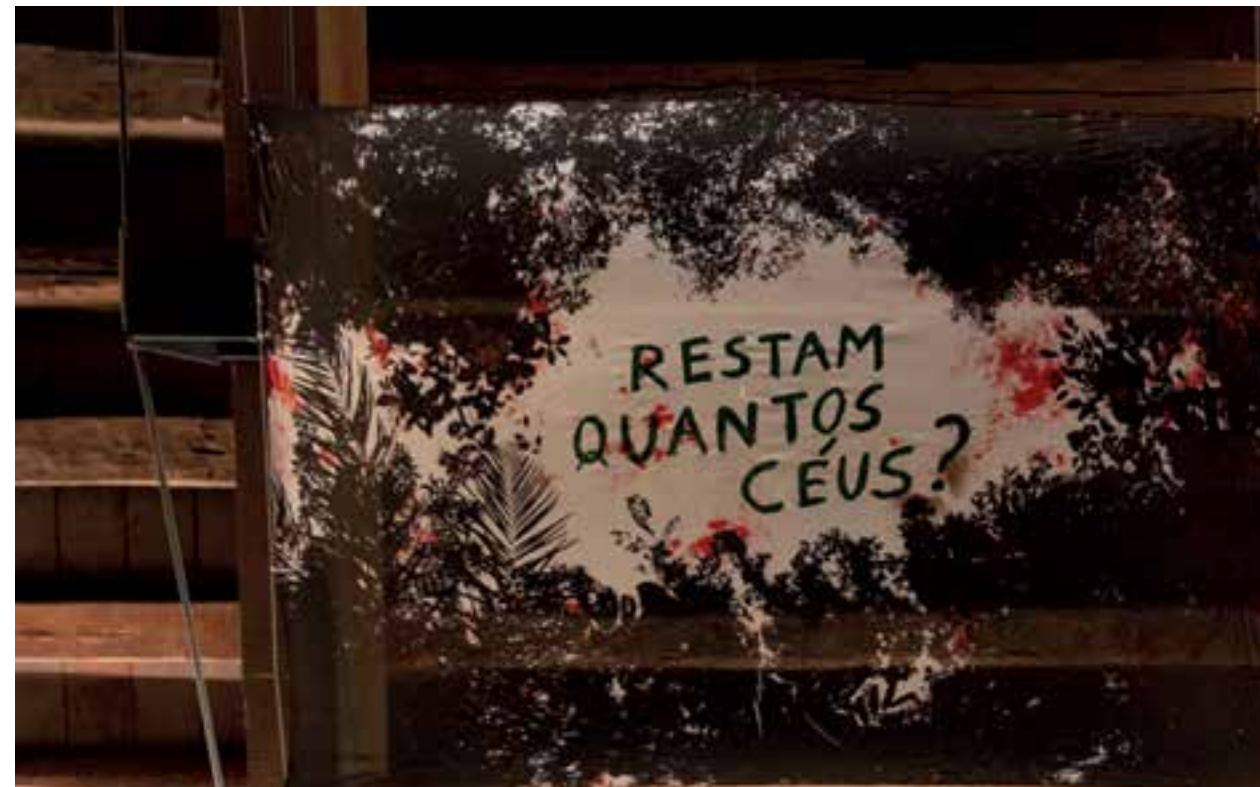


being that was born in the city and in the forest, that is an animal and a plant, is human. Emerson lends her body to dwell together with tens of existences. This way, one can easily notice that UÝRA is an enchanted being who dances through the many worlds.

Beyond her journey in the art field, Emerson UÝRA, a hybrid being in herself, has studied lizards and toads. Many consider them cold-blooded animals, but they actually have the ability to adapt to the temperature of the environment. Adapting to exist, using a memory of the energy that has already been lived. I see this in UÝRA's work, be it a picture, a movement or the expressiveness aimed at the audience, always relying on the truth that is felt, noticed, of which she has been imbued.

There are small cracks on the concrete walls of our Manaus, and she acknowledges these cracks as possibilities for fertilizing experiences. Her desire to exist makes this leafy tree move through the world, carrying the blood that runs off the pavement. Being born and reborn in many ways is something that UÝRA flawlessly knows how to do. Just like no human being is the same, no plant or animal shall be, and she takes whatever form she needs to question particular interpretations of what nature is and what we are doing to the future.

UÝRA carries the sensitivity of narrating the broad existence of the fauna, the flora, and the shapes these beings carry within



Compreender nossa territorialidade a partir da produção de arte é o âmago da resistência, é uma questão muito cara para nós que sempre estivemos na escassez. Todo ser preto e indígena, reconhecendo-se como mantenedor da tecnologia ancestral, que sustenta nossas vidas, que não deixa o céu cair, como nos escureceu Kopenawa, é um agente ativo nesse tecido que é a existência diária.

Manaus é uma cidade das águas, com uma população de mais de dois milhões de pessoas, onde sua grande maioria descende de povos originários que raramente estão em retomada, por não conhecerem sua história, ou por vergonha. Por aqui há muitos becos, vielas, melanina, comida boa, sol quente, mas também existe muita perversidade colonial, o silenciamento é uma delas, que apaga não só as pessoas e suas culturas, mas entorpece a realidade sobre seu passado recente.

Essa descontinuidade que perdura há séculos, bate de frente com a produção de artistas como UÝRA, que atravessados pela necessidade de firmar resistência, vem nos mostrar que o olhar íntimo sobre a realidade é a semente da cura, plantada hoje com o intuito de germinar amanhã. Sob essa perspectiva, para além da performance, a propagação e fortalecimento da estima da juventude ribeirinha e indígena, através do trabalho de Arte-Educação, mostra que além da árvore que anda é também uma sábia anciã, que às margens do rio se coloca a narrar a origem do mundo, dos sonhos, do fogo.

"Bichos Dossel", 2022, impressão e tinta acrílica sobre tecido, carvão, impressão sobre papel, cola PVA. Exposição, Paço Imperial, 2022 (detalhe), foto de Fábio Souza // **"Bichos Dossel"**, 2022, printing and acrylic paint on fabric, coal, printing on paper, pva glue, exhibition at Paço Imperial, 2022 (detail), photo by Fábio Souza

themselves. The body that is followed by ancestors, enchanted beings, Inkisses, Orixás, and various spirits acknowledges in UÝRA a voice, which is allowed so that the passage may exist, changing the ground it touches.

Reflection is the starting point, but this can only accurately happen if dialog exists, the sensitive listening of all creatures. My affective memory overflows with joy when I admire UÝRA's interrogations in face of the official science and how it handles these beings. Transformation demands the acknowledgment of the spaces one must and needs to occupy, be it slowly, silently, or forcefully, breaking into it. UÝRA knows this and many times takes the shape of weed to occupy and reclaim, and, going further, she strengthens her own peers, so that they may be equally aware of their claim.

This is how I weave my words to express the impact Emerson's work causes not only upon me but also upon an entire generation, because we are never alone, we are always together, be it in the alley, in the nightlife, in the Quilombo or the indigenous village. I believe UÝRA is more than an image, she is a sound, a voice that surrounds us, resonates messages, and walks wherever it is needed.

"A Mata Te Se Come", 2019, série
"Elementar", foto de Lisa Hermes //
"A Mata Te Se Come", 2019, series
"Elementar", photo by Lisa Hermes



"As periferias da Amazônia são como aldeias", já escutei essa frase de Emerson, e ao escutá-la, ouço sua voz, sinto seus olhos e uma legião de forças que atravessam UÝRA. Reconheço uma reincorporação de entidades, bichos e plantas, materializados como existência, não como representação. Esse ser que surgiu na cidade e na floresta, é bicho e planta, é gente. Emerson empresta seu corpo para coabitar dezenas de existências. Desse modo, facilmente se percebe que UÝRA é uma encantada que dança entre os muitos mundos.

Para além da sua trajetória na arte, Emerson UÝRA, sendo híbrido em si mesmo, estudou lagartos e sapos. Para muitos são animais de sangue frio, mas na verdade têm a capacidade de adaptar-se à temperatura do ambiente. Adaptar-se para existir, utilizando a memória daquela energia já vivenciada. Vejo isso nos recortes de UÝRA, seja em foto, movimento ou na expressividade para com o público, sempre baseando-se na verdade sentida, percebida, naquela que lhe foi repassada.

Há pequenas fissuras nas paredes de concreto da nossa Manaus, e ela reconhece essas brechas como possibilidades de fertilizar as experiências. Seu desejo de existir faz essa árvore frondosa se movimentar pelo mundo, levando consigo o sangue que corre no asfalto. Nascer e renascer em muitas formas é algo que UÝRA sabe fazer perfeitamente, assim como nenhum ser humano é idêntico ao outro, nenhuma planta e animal será, e ela, toma a forma que precisar para questionar as leituras sobre o que é a natureza e o que estamos fazendo com o futuro.

UÝRA carrega consigo a sensibilidade de narrar a ampla existência da fauna, flora e as formas que esses seres carregam em si. O corpo que é acompanhado por ancestrais, encantados, inkisses, orixás e diversos espíritos, reconhece em UÝRA uma voz, que se permite para que essa passagem possa existir modificando onde pisa.

A reflexão é ponto de partida, mas para que isso aconteça com exatidão se torna necessário o diálogo, a escuta sensível de todas as criaturas. Minha memória afetiva transborda de alegria quando aprecio os questionamentos de UÝRA diante da ciência oficial e seu tratar com esses seres. Para se transformar é determinante reconhecer os espaços que se deve e precisa pisar, seja devagar, em silêncio, ou com força, forçando para arrombar. UÝRA sabe disso e muitas vezes se molda em erva daninha para ocupar e retomar, e para além disso, fortalece as suas, para que tenham a mesma consciência de retomada.

É dessa forma que teço palavras pra expressar o impacto que o trabalho de Emerson causa não somente em mim, mas em toda uma geração, pois nunca estamos sós, sempre estamos de bonde, seja no beco, na balada, no quilombo ou na aldeia. Acredito que UÝRA além de uma imagem, é um som, uma voz que nos envolve, que propaga mensagens, e que anda por onde precisar.